

Brasília, capital e cidade

Paulo Octávio

Nenhuma pedra de Brasília reclamou ou saiu de seus cuidados para protestar contra os defensores da esdrúxula idéia de fazer retornar a capital brasileira para o Rio de Janeiro. As pedras de Brasília são eternas e sabem que não vale a pena serem atiradas contra bobagens, como um recente artigo de poeta e escritor carioca e membro da Academia Brasileira de Filosofia, pregando a "Volta ao Rio".

Infelizmente para todos nós, não tivemos como morador da capital o saudoso Afonso Arinos de Mello Franco, nascido aqui perto, na mineira Paracatu, e que tanto amou a Cidade Eterna, a ponto de conceber o anagrama que todos adoram, "Amor a Roma". Muitos poderão afirmar, porém, seu amor a Brasília. Eu o afirmo, lúcida e tranquilamente, como um mineiro que sempre se sentiu em casa, e feliz, nesta cidade astral, mais que eterna.

Como brasileiro de adoção, e convicto de que as cidades não são processos de avanços ou recuos — eternizam-se na sua afirmação humana —, repilo firmemente as idéias de um grupo de filósofos que perpetraram uma reunião filosófica em que, como portadores da pedra filosófica, determinarem que é momento de a capital retornar à Cidade Maravilhosa.

O articulista vai mais longe que os enciclopedistas cariocas: sugere no artigo que Brasília custou para sua construção 350 vezes mais que o total de verbas destinadas em toda a História da República às obras contra as secas no Nordeste. E, de disparate em disparate, chega a comparar a odisséia da construção de Brasília em mil dias a um festim de políticos irresponsáveis, funcionários corruptíveis, empresários gananciosos e imigrantes faraônicos. Não foi nada disso. Ari Cunha, outro dia, relembra a saga da inauguração do terreno em que seria edificado o **CORREIO BRAZILIENSE**: os dirigentes dos Diários Associados receberam o presidente Juscelino Kubitschek numa tenda armada no local onde existe hoje o Tribunal de Justiça do Distrito Federal, pois a região demarcada na verdade estava mata adentro, no cerrado, sinalizado por jaboticabeiras. Meu Deus, isso foi há somente 35 anos! Nessa mesma época, o Rio de Janeiro recebia na avenida Rio Branco, em parada festiva, mais de cem mil pessoas na

rua, o herói da Segunda Grande Guerra, o presidente dos Estados Unidos, Ike Eisenhower.

Dai-nos tempo de mostrar a verdadeira face da nossa capital, não exigindo que Brasília tenha a arte final de uma Washington, o lay-out de uma Camberra ou o charme de uma Ottawa. Todas essas três cidades, assim como Pretória, Nova Déli, e Ancara, tornaram-se capitais de seus países em contraposição a outras, mais antigas e congestionadas, que haviam perdido por completo as condições de hospedar o poder central.

Quando o gênio de JK se comprometeu a construir Brasília neste Planalto Central, fê-lo certo de que um século de críticas se abateria sobre sua decisão, tisonando sua memória com suspeitas até mesmo de enriquecimento ilícito. É tão pequeno o sentido de gratidão pelos verdadeiros estadistas que hoje se esquece que JK plantou uma cidade para ser capital, e que hoje transita de capital para cidade, tal sua qualidade de vida, tais seus espaços, sua chama de coisa nova, seu ideal para os empreendedores. Quando sei de muitos ministros de Tribunais Superiores, senadores, deputados federais, altos funcionários públicos, economistas e professores, que não mais querem voltar para sua cidade de origem ao encerrarem sua missão em Brasília, optando pela cidade como uma autêntica cidade — não mais como capital —, é de onde tiro a certeza de que ela é irreversível.

Não somente pelas gerações de brasileiros aqui nascidos que já ingressaram no mercado de trabalho, já casaram e tem filhos, e se destacam em várias especialidades profissionais, mas também pelos marcos culturais fincados por uma cidade das poucas do mundo que já se tornou Patrimônio Cultural da Humanidade, é que sei que jamais algum movimento filosófico tirará de nós o galardão de ser capital dos brasileiros. Exatamente por isso, por pretender criar uma cidade-síntese, que unisse todos os brasileiros em torno de um ideal planetário de grandeza do País, superando os preconceitos e os bairrismos, foi que a genial figura de JK implantou a nova capital. Além de conquistar a fronteira do Centro-Oeste, integrando ao Brasil uma região que hoje é um dos maiores eldorado econômicos, com uma safra agrícola que em poucos anos superou as demais regiões produtivas, o sonho de Juscelino nos

favorece morar numa cidade de oportunidades abertas a todos os brasileiros que para aqui emigraram, e continuam a emigrar.

Os filósofos cariocas não têm sobretudo razão quando debitam a Juscelino Kubitschek uma condição de iletrado, que devido a suas poucas luzes intelectuais não teria sabido discernir sobre a construção de uma capital nos cerrados, cabendo-lhe "a triste carga de amarrar a burra no deserto do Planalto Central"; quer feri-lo o artigo político anti-Brasília. Ora, o estadista que criou Brasília foi um dos homens mais cultos e preparados da história republicana brasileira. Todos os seus atos de poder foram inspirados na pura convivência com a intelectualidade brasileira, homens providenciais, como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que até hoje podem testemunhar a grandeza de espírito de nosso estadista. Trabalhando junto a ele, Alfredo Ceschiatti preparava suas imagens arquitetônicas. Bruno Giorgi e Mário Cravo cinzelavam os bronzes para a praça dos Três Poderes. Alfredo Vopi decorava a capela da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. José Pedrosa idealizava os bosques do Palácio da Alvorada. Mary Vieira concebia suas esculturas. Firmino Saldanha elaborava seus painéis abstratos. Athos Bulcão compunha seus mosaicos e azulejos. Toda essa festa de gênios em torno do projeto de maior sensibilidade artística que o homem brasileiro já concebeu levaria o arquiteto e crítico de arte Mário Pedrosa, comunista ferrenho, a definir o encontro desses elementos plásticos nesta fórmula que ganhou consagração merecida: Brasília, a síntese das artes.

Não temos medo, portanto, do clamor do passado. Nossa volta é para o futuro, pois Brasília nos impele para as aventuras do amanhã. O Rio está muito satisfeito com Brasília como capital, pois suas pedras não reivindicam o retorno dos três Poderes para congestionar a beleza de uma metrópole destinada ao turismo e vocacionada para a área financeira. O maior filósofo popular dos cariocas, o imortal Nelson Rodrigues, já dizia que até os paralelepípedos sabem enxergar o óbvio ululante. Assim, a capital jamais voltará para o Rio. Brasília será sempre o símbolo da integração, capital de todos os brasileiros.

■ Paulo Octávio é deputado pelo PRN do Distrito Federal